

TRANSGRESSÕES CARNAVALESCAS: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DO BLOCO DE CARNAVAL “AS MUQUIRANAS”

CARNIVAL TRANSGRESSIONS: A DISCURSIVE ANALYSIS OF THE “AS MUQUIRANAS” CARNIVAL BLOCK

Luísa Gabrielli de Limaⁱ
Dantielli Assumpção Garciaⁱⁱ

Resumo: Neste trabalho, buscamos analisar o bloco de Carnaval "As Muquiranas". As temáticas escolhidas pelo bloco ao longo dos anos podem ter diferentes significados e interpretações, dependendo do contexto cultural, social e histórico em que são apresentadas. Por um lado, essas referências a mulheres icônicas da cultura popular e da história podem ser uma forma de celebrar e homenagear a presença e contribuição das mulheres na sociedade, dando destaque a personagens femininas. Por outro lado, é importante lembrar que as mulheres, muitas vezes, foram historicamente subordinadas e oprimidas, e que essas temáticas podem reforçar imaginários e ideias limitadas sobre o papel das mulheres na sociedade. Este trabalho está ancorado teórica e metodologicamente na teoria da Análise de Discurso francesa, tendo como principais autores Michel Pêcheux e Eni Puccinelli Orlandi. Observam-se, então, que os atos de violência transcorrem pela ação do homem, este trabalho se justifica pela relevância social de analisar discursivamente a atuação dos participantes heterossexuais do bloco "As Muquiranas", bem como as violências¹ praticadas contra mulheres, homossexuais e travestis. Portanto, o *corpus* desta pesquisa é formado por uma seleção de Sequências Discursivas retiradas de postagens do Instagram voltadas ao bloco de carnaval "As Muquiranas".

Palavras-chave: Carnaval. Violência. Sequência Discursiva. As Muquiranas.

Abstract: In this study, we aim to analyze the "As Muquiranas" Carnival block. The themes chosen by the block over the years can have different meanings and interpretations depending on the cultural, social, and historical context in which they are presented. On one hand, these references to iconic women from popular culture and history can be a way to celebrate and honor the presence and contribution of women in society, highlighting female characters. On the other hand, it is important to remember that women have often been historically subordinated and oppressed, and these themes can reinforce limited imaginaries and ideas about the role of women in society. This work is theoretically and methodologically grounded in the theory of French Discourse Analysis, with Michel Pêcheux and Eni Puccinelli Orlandi as its main authors. It is observed, therefore, that acts of violence are carried out by men, and this work is justified by the social relevance of discursively analyzing the actions of heterosexual participants in the "As Muquiranas" block, as well as the violence committed against women, homosexuals, and transvestites. Therefore, the corpus of this research consists of a selection of Discursive Sequences taken from Instagram posts related to the carnival block "As Muquiranas".

Keywords: Carnival. Violence. Discursive Sequence. As Muquiranas.

Introdução

O Carnaval é uma festa popular que acontece em todo o Brasil, são os quarenta dias antes do Domingo de Ramos, que é o dia que marca o início da Semana Santa, celebrado no domingo que antecede a Páscoa. O Carnaval é uma celebração marcada pela música, dança,

¹ Moraes, físicas e verbais (doravante).

alegria, fantasias coloridas e muita animação. O Carnaval é um evento cultural muito importante para o Brasil, pois representa a diversidade e a riqueza da cultura popular do país. As festas são realizadas em diferentes regiões do Brasil, cada uma com suas próprias tradições e características únicas.

Constituidor da identidade nacional, o carnaval é visto por muitos como uma festa popular em que todos os indivíduos passam a conviver harmoniosamente nos quatro dias de folia. Apagam-se imaginariamente as diferenças cruciais entre classes e foliões de modo a instalar o efeito de que a circulação dos sentidos de violência estaria contida, bem como adormecidos estariam o conflito entre classe e foliões de modo a instalar o efeito de que a circulação dos sentidos de violência estaria contida, bem como adormecidos estariam o conflito entre classes e os abusos de poder (GARCIA; SOUSA, 2015, p. 89).

O bloco de Carnaval "As Muquiranas" é uma das mais populares agremiações carnavalescas da cidade de Salvador, Bahia. Com mais de 50 anos de história, o bloco se destaca por sua irreverência, pelo humor característico de suas fantasias e desfiles.

Tomamos conhecimento do bloco de Carnaval "As Muquiranas" no ano de 2023. O bloco realizou seu desfile em Salvador no dia 21 de fevereiro de 2023, durante o período festivo do Carnaval. No entanto, houve uma grande repercussão midiática envolvendo o bloco devido a denúncias de agressões praticadas por seus integrantes.

Como objetivo geral, pretende-se, neste trabalho, analisar discursivamente, isto é, tomando como base a Análise de Discurso Pecheuxtiana (AD), as possíveis violências praticadas pelos componentes (heterossexuais) do bloco "As Muquiranas", através de comentários em um Instagram de mídia alternativa².

No referido dia 21, uma foliã foi agredida por membros do bloco enquanto transitava pelas imediações. O incidente foi capturado em vídeo e prontamente repercutiu nos jornais,

² A mídia alternativa é um conjunto de meios de comunicação que buscam oferecer uma perspectiva diferente daquela apresentada pelos grandes meios de comunicação tradicionais. A mídia alternativa busca abordar temas que não costumam ser cobertos pela mídia tradicional, como questões sociais, culturais, ambientais e políticas que afetam a população em geral, mas que não têm espaço nos grandes meios de comunicação. Além disso, a mídia alternativa pode ser considerada uma forma de resistência e contrapoder, uma vez que questiona e desafia a narrativa dominante dos grandes meios de comunicação, que, muitas vezes, refletem os interesses das elites políticas e econômicas.

perfis de Instagram e movimentos que exigiram que o bloco tomasse providências em relação a essa situação de assédio.

As informações divulgadas geraram um debate intenso sobre a conduta do bloco "As Muquiranas", chamando a atenção para a necessidade de medidas corretivas para prevenir atos de agressão e promover um ambiente seguro durante as festividades carnavalescas.

"As Muquiranas" foi criado em 1965, sendo o primeiro bloco de travestidos. Desde o ano de 2002, o bloco começou a ter temáticas para seu desfile de Carnaval, tais temáticas, que sempre são referenciadas à mulher, foram elas:

- 2023 - 57 anos – Barbie As Doutoradas da Alegria
- 2022 - 56 anos - Barbie As Doutoradas da Alegria - cancelado
- 2021 - 56 anos - Barbie Fashion - Mundo Fashion - cancelado
- 2020 - 55 anos - As Muquiranas no País das Maravilhas
- 2019 - 54 anos - Cabaré - O Cabaré das Muquiranas
- 2018 - 53 anos - Carmem Miranda - O que as Muquiranas têm?
- 2017 - 52 anos - Gladiadora - Nossa Avera é a Avenida
- 2016 - 51 anos - Space Girls - Viaje nessa Aventura
- 2015 - 50 anos - As Baianas - Orquenho de ser Baiana
- 2014 - 49 anos - As Mosqueteiras - Os Mosqueteiros da Alegria
- 2013 - 48 anos - Afrodite - A Deusa do Amor
- 2012 - 47 anos - Cleópatra - A Fonte do Desejo
- 2011 - 46 anos - Gueixa - A Arte de Seduzir
- 2010 - 45 anos - No Mundo do Circo - O Espetáculo vai Começar
- 2009 - 44 anos - She-Ha - As Piriguetes
- 2008 - 43 anos - Barbie
- 2007 - 42 anos - Mulher-Gato
- 2006 - 41 anos - Mulher Maravilha, os Miseres
- 2005 - 40 anos - Minnie
- 2004 - 39 anos - Branca de Neve
- 2003 - 38 anos - Chapeuzinho Vermelho

2002 - 37 anos - Emília - Sítio do Pica-Pau Amarelo

As temáticas escolhidas pelo bloco de Carnaval "As Muquiranas" ao longo dos anos podem ter diferentes significados e interpretações, dependendo do contexto cultural, social e histórico em que são apresentadas. Por um lado, essas referências a mulheres icônicas da cultura popular e da história podem ser uma forma de celebrar e homenagear a presença e contribuição das mulheres na sociedade, dando destaque a personagens femininas fortes e inspiradoras.

Por outro lado, é importante lembrar que as mulheres, muitas vezes, foram historicamente subordinadas e oprimidas, e que essas temáticas podem reforçar imaginários e ideias limitadas sobre o papel das mulheres na sociedade. Por exemplo, algumas das temáticas, como "As Piriguetes" ou "A Arte de Seduzir", perpetuam a ideia de que a mulher é um objeto de desejo sexual masculino e que sua principal função é agradar aos homens.

Músicas, fantasias, purpurina, danças são itens que permeiam o Carnaval. Entretanto, o Carnaval não é só alegria, principalmente para as mulheres, que sofrem com a violação de seus corpos, com insistências indesejadas, e agressões, sejam elas físicas ou verbais. Segundo Garcia e Souza (2015, p. 90) "Na época da folia, apagam-se os casos de violência, a criminalidade, as opressões. Nos quatro dias, o imaginário que se constitui à sociedade é o da alegria, da diversão. Contudo, a violência silenciosa permeia essa festa".

Há foliões que consideram uma época permissiva para determinados comportamentos, homens que, na tentativa de satisfazer sua libido, ultrapassam a barreira do respeito, do limite, do "não é não".

O bloco carrega consigo uma trajetória de assédios, de violência contra as mulheres, os homossexuais e as travestis. Esses sujeitos são colocados como um objeto de diversão, de entretenimento, são corpos que, em virtude de concepções machistas, estão a suas disposições. Abordaremos mais sobre este assunto nos capítulos a seguir.

Discorrer sobre violência contra mulher, homossexuais e travestis não é uma tarefa fácil, devido à delicadeza do assunto, mas falar de assédio se faz necessário. Quem violenta não vê aquele sujeito como um igual (violentador e violentado), o vê com indiferença, são sujeitos inferiores, "Com efeito, paira sobre a cabeça de todas as mulheres a ameaça de

agressões masculinas, funcionando isto como um mecanismo de sujeição aos homens, inscrito nas relações de gênero” (SAFFIOTI, 2015, p. 80). Uma das características dessa interação é a sujeição da mulher ao homem, o que já configura violência, pois ela estará atada a ele e terá poucos direitos para reivindicar, observa-se que a violência pode ser tratada como “ruptura de qualquer forma de integridade da vítima: integridade física, integridade psíquica, integridade sexual, integridade moral” (SAFFIOTI, 2015, p. 18).

Observam-se, então, que os atos de violência transcorrem pela ação do homem, este trabalho se justifica pela relevância social de analisar discursivamente a atuação dos participantes heterossexuais do bloco "As Muquiranas", bem como as violências praticadas contra mulheres, homossexuais e travestis. Portanto, o *corpus* desta pesquisa consiste em analisar uma seleção de Sequências Discursivas (SDs) retiradas de postagens do Instagram voltadas ao bloco de Carnaval 'As Muquiranas'.

As SDs foram retiradas do Instagram Mídia Ninja. Mídia Ninja é um perfil de jornalismo independente. Mídia Ninja repostou uma reportagem da jornalista Jessica Senra na qual abordava uma ocorrência de agressão envolvendo o bloco, com a seguinte legenda: 'Sobre As Muquiranas e os relatos de assédio e violência... O que você acha? Você mulher já passou por alguma situação com o bloqueio? Deixe seu relatório aqui! O que vocês acham sobre isso'. Retiramos dos comentários alguns relatos pertinentes à nossa pesquisa. Portanto, o nosso material de análise gira em torno de depoimentos de mulheres que passaram por alguma situação de assédio com o bloco.

As violências cometidas durante o período de Carnaval, muitas vezes, são naturalizadas e banalizadas pela sociedade. O assédio sexual, por exemplo, é visto como uma "brincadeira" ou uma "forma de paquera", quando, na verdade, é uma forma de violência e desrespeito. A análise da violência sofrida por mulheres, homossexuais e travestis no Carnaval pode ajudar a identificar padrões e fatores de risco que contribuem para a ocorrência dessas violências.

Este trabalho está ancorado teórica e metodologicamente na teoria da Análise de Discurso francesa, tendo como principais autores Michel Pêcheux e Eni Puccinelli Orlandi. Para contribuir com as análises, utilizaremos as autoras Heleieth Safiotti e Judith Butler de modo a colaborar com as questões relacionadas a gênero, patriarcado e violência.

1 As Muquiranas: os travestidos

Ao longo dos anos, o Carnaval evoluiu e se tornou uma celebração que reflete a diversidade e a riqueza da cultura brasileira. Para muitas pessoas no Brasil, o Carnaval é um momento de celebração, alegria e união. Na época da folia, apagam-se os casos de violência, a criminalidade, as opressões. Esse apagamento, em questão, pode ser visto como uma forma de construção de uma narrativa social sobre o Carnaval. Através dela, é criada uma imagem de um período de festa e descontração em que os sujeitos se libertam das amarras sociais e culturais, e as questões sociais problemáticas, como a violência, a criminalidade e as opressões, são temporariamente esquecidas. Além disso, o Carnaval também pode ser um momento em que as opressões são reforçadas, como o machismo, o racismo e a homofobia, as quais, muitas vezes, são reproduzidas em fantasias e comportamentos durante a festa.

Adentraremos agora, no nosso material de estudo, o bloco de Carnaval "As Muquiranas".

"As Muquiranas" é um bloco carnavalesco de rua, exclusivo para homens travestidos, ou seja, homens que se fantasiam de mulher. O bloco arrasta milhares de foliões todos os anos pelas ruas de Salvador, Bahia.

Um dos conceitos fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho é o conceito de Sequência Discursiva (SD), o qual é considerado um dos elementos importantes para se compreender o funcionamento do discurso. Através dela, é possível perceber as conexões entre os enunciados, os sentidos que são construídos e a organização dos diferentes discursos. De acordo com Pêcheux (1975), uma sequência discursiva é uma unidade de análise que se refere a um conjunto de enunciados que estão articulados por relações de continuidade ou de descontinuidade. Ele afirma que "a noção de sequência é necessária para compreender a dimensão temporal da produção do sentido, ou seja, para apreender como os diferentes enunciados se sucedem e se conectam uns aos outros" (PÊCHEUX, 1975, p. 105).

Outro conceito de grande importância para a análise das sequências discursivas que compõem o *corpus* desta pesquisa é o conceito de efeitos de sentidos. Todo discurso produzirá múltiplos efeitos de sentidos. O conceito de efeitos de sentido é fundamental na AD, ele se refere aos sentidos produzidos pelo discurso em um dado contexto social,

histórico e cultural, e que são influenciados pelas relações de poder e ideologia presentes nesse contexto.

Os efeitos de sentido são produzidos a partir da articulação entre a materialidade linguística do discurso e as condições de produção que o cercam. Eles não são fixos ou determinados a priori, mas são construídos discursivamente em um processo contínuo de negociação e disputa de sentidos. "Os efeitos de sentido são produzidos pela posição discursiva do sujeito, que é construída e reconstruída continuamente pelas práticas discursivas. Eles são o resultado da interação entre a linguagem e as relações sociais e culturais" (PÊCHEUX, 1975, p. 48).

SD1:

Sabendo como é o bloco...sinceramente
mulher nenhuma deveria pisar nele.



170 curtidas Responder Ver tradução

Fonte: Instagram (Autoria do relato preservada).

A afirmação denota uma atitude negativa em relação ao bloco e sugere que o bloco em si é problemático ou perigoso para as mulheres. Os efeitos de sentido gerados por essa afirmação podem incluir a criação de uma imagem de um ambiente hostil, onde mulheres podem enfrentar situações desfavoráveis ou até mesmo enfrentar riscos em termos de segurança, assédio ou discriminação. O uso do termo "Sabendo como é o bloco" sugere que o autor possui informações ou experiências anteriores que justificam sua afirmação. Isso implica que o bloco possui um histórico de comportamentos problemáticos em relação às mulheres, o que motiva a recomendação de evitar a participação delas.

Essa afirmação implica uma percepção negativa do bloco e dos comportamentos associados a ele. Os efeitos de sentido transmitidos podem envolver a construção de imaginários, presumindo que o bloco é um espaço onde a dignidade, a segurança e o respeito às mulheres não são garantidos.

Na AD, os efeitos de sentido são entendidos como efeitos ideológicos, ou seja, como produções de sentidos que refletem e sustentam as relações de poder e as estruturas sociais

dominantes. Eles podem ser utilizados para legitimar ou subverter essas estruturas, dependendo da posição dos sujeitos envolvidos e das estratégias discursivas utilizadas.

A culpabilização da vítima pelo assédio sexual pode ser vista como uma forma de discurso que produz efeitos de sentido específicos. Esses efeitos de sentido podem incluir a normalização da violência sexual, a desvalorização da experiência da vítima e a minimização da responsabilidade do agressor.

Em muitos casos, a culpabilização da vítima é baseada em imaginários de gênero, nos quais as mulheres são consideradas responsáveis por evitar o assédio sexual ao controlar sua aparência e comportamento. Esse tipo de discurso pode levar à vitimização secundária, na qual a vítima é submetida a mais estresse e trauma devido à falta de apoio social e à falta de reconhecimento de sua experiência.

SD2:

Praticamente todas as minhas amigas que já saíram algum ano no Carnaval, já passaram por alguma situação de desrespeito com algum integrante deste bloco. Desde molhar partes íntimas, tentar agarrar a força, xingar e molhar o rosto quando escuta um não. Mesmo fora do "desfile" do bloco deles.

645 curtidas Responder Ver tradução

Fonte: Instagram (Autoria do relato preservada).

A SD2 apresenta relatos de situações de desrespeito que mulheres sofreram durante o carnaval, especificamente com integrantes do bloco "As Muquiranas". A partir da AD, podemos entender que esses relatos são construções discursivas que se relacionam com questões de poder, gênero e dominação.


De acordo com Michel Pêcheux (1975), o discurso é uma forma de manifestação da ideologia e da luta de classes. Nesse sentido, podemos entender que os relatos das mulheres sobre o desrespeito sofrido durante o Carnaval são reflexos das relações de poder e das hierarquias sociais que permeiam a sociedade.

Segundo Pêcheux, a ideologia se manifesta no discurso de diversas maneiras, como nas palavras que são escolhidas, nas formas de expressão utilizadas e nas estruturas

gramaticais empregadas. Em seu livro, ele afirma que "a ideologia se inscreve no discurso como o sentido que o discurso constrói e que serve de base para a interpretação da realidade" (PÊCHEUX, 1975, p. 145). Dessa forma, podemos entender que os relatos das mulheres sobre o desrespeito no Carnaval são construções discursivas que refletem as ideologias presentes na sociedade em relação ao gênero. Por exemplo, quando as mulheres relatam situações em que são molhadas nas partes íntimas, tentam ser agarradas à força ou são xingadas e molhadas no rosto por terem dito "não", isso reflete as formas de opressão e de violência que as mulheres sofrem no cotidiano, sobretudo em relação à sua sexualidade e autonomia.

Além disso, podemos observar que esses relatos também estão relacionados com a construção social de gênero. Como afirma Orlandi (2007), a linguagem é um campo de batalha ideológica em que as relações de gênero se manifestam. Nesse sentido, os relatos das mulheres sobre o desrespeito no Carnaval podem ser compreendidos como uma denúncia das formas de violência e opressão que as mulheres enfrentam em situações de lazer e diversão.

Podemos ainda destacar que a forma como os relatos são apresentados e as escolhas linguísticas realizadas pelos sujeitos que narram essas situações podem reforçar ou desafiar as relações de poder existentes. Conforme Pêcheux (1975), o sujeito é construído pelo discurso, mas também constrói o discurso. Portanto, os relatos das mulheres podem ser vistos como uma tentativa de resistência e de denúncia das opressões que sofrem no carnaval e em outros espaços sociais.

SD3:  Todas as mulheres que curtem carnaval em Salvador e tiveram o desprazer de está na avenida no momento que as muquiranas passam tem uma história pra contar, eu tenho pavor a eles, não vou pra rua quando eles estão, foi a forma que achei de me preservar, são altamente desrespeitosos com mulheres

11 curtidas Responder Ver tradução

Fonte: Instagram (Autoria do relato preservada).

A SD apresenta um relato de uma mulher que evita passar perto do bloco durante o dia de desfile, devido ao seu medo e experiências negativas com o grupo. A frase sugere que as muquiranas são responsáveis por atos de violência e assédio contra mulheres durante o carnaval, e que essas práticas são tão comuns que muitas mulheres têm histórias negativas para contar.

No caso específico das Muquiranas, a sequência discursiva sugere que esses grupos são responsáveis por práticas violentas e opressoras contra mulheres, que têm como objetivo subordiná-las e inferiorizá-las. A fala da mulher que evita o evento é uma forma de autopreservação, diante da ameaça de violência e opressão a que está sujeita. Isso indica que as práticas de violência patriarcal de gênero são uma forma de controle social sobre as mulheres, que buscam impedi-las de exercer sua liberdade e autonomia, segundo Butler,

A violência de gênero é sempre um ato de poder e de dominação, e sua força consiste em perpetuar e consolidar a sujeição feminina. Por meio de sua repetição, a violência estabelece um regime de terror e faz com que a subordinação feminina pareça natural e inevitável (BUTLER, 2006, p. 23).

Butler argumenta que a violência de gênero é um mecanismo utilizado para manter a subordinação feminina e perpetuar as relações de poder assimétricas entre homens e mulheres. Ela destaca que essa violência não é um fenômeno isolado, mas está profundamente enraizada em estruturas sociais que naturalizam a desigualdade de gênero e a subordinação feminina.

A SD apresentada aponta para um silêncio que é percebido pela ausência de denúncias por parte das mulheres que são vítimas de assédio durante o Carnaval em Salvador. Esse silêncio pode ser analisado a partir dos estudos de Orlandi (1996) sobre o silenciamento, que destaca como o que não é dito pode ser tão significativo quanto o que é dito. Nesse sentido, o silêncio não é visto como um mero vazio ou ausência de sentido, mas sim como uma forma de expressão e de resistência que pode revelar as tensões e contradições presentes nas práticas discursivas e nas relações de poder.

Nesse contexto, podemos inferir que o silêncio das mulheres que não denunciam o assédio sofrido durante o Carnaval é uma estratégia discursiva que tem como objetivo manter a naturalização do assédio e a hierarquia social existente entre homens e mulheres. Como

afirma Orlandi (1996, p. 22), "o silêncio pode ser usado como uma forma de manter a ordem social e política, mantendo uma determinada ordem das coisas". Esse silêncio pode ser interpretado como uma forma de autodefesa e autopreservação das mulheres diante da violência a que são expostas, o que evidencia a naturalização da violência de gênero na sociedade. A fala sugere que a violência é tão presente que as mulheres são obrigadas a se silenciar e a se esconder para se proteger, como se essa fosse a única forma de sobrevivência em um ambiente hostil.

Dessa forma, a presença de silêncio na sequência discursiva reforça a necessidade de se problematizar e enfrentar a violência de gênero no contexto do carnaval, de modo a garantir o direito das mulheres de participarem das festividades sem serem expostas a situações de risco e violência.

SD4:

Desde quando se fantasiar de mulher é algo engraçado?! Sempre achei ridículo! Mas as pessoas dizem "ai eu acho legal, eles querem se libertar". Sabe o que liberta? Conhecimento. Quer se fantasiar não brinque com alguém que existe de verdade e morre por ser isso que você usa como fantasia.



92 curtidas Responder Ver tradução

— Ver mais 1 resposta

Fonte: Instagram (Autoria do relato preservada).

A SD4 em questão, pode ser interpretada como uma crítica à cultura patriarcal que objetifica e desvaloriza as mulheres, utilizando suas características como objeto de humor e fantasia.

Em primeiro lugar, há a afirmação de que se fantasiar de mulher não é algo engraçado, o que sugere uma crítica às práticas que utilizam a figura feminina de maneira estereotipada e caricatural. Essa crítica pode ser entendida como uma forma de questionar as formações discursivas que naturalizam e perpetuam a ideia de que as mulheres são objetos de riso e de caricatura.

Além disso, o texto aponta para a violência simbólica que está presente na utilização de determinadas fantasias. Ao afirmar que não se deve brincar com alguém que existe de

verdade e que morre por ser aquilo que é utilizado como fantasia, o autor aponta para a dimensão ideológica do discurso, que pode naturalizar e justificar formas de violência simbólica e material contra grupos minoritários.

Podemos também verificar a identidade de gênero nessa sequência discursiva. Ao afirmar que não se deve brincar com alguém que existe de verdade, o autor sugere que a identidade de gênero é algo que deve ser respeitado e que não deve ser utilizado como motivo de chacota ou de brincadeira. Isso está relacionado à ideia de que a identidade de gênero é uma construção social e discursiva, e que, portanto, não pode ser reduzida a uma mera fantasia ou brincadeira.

Além disso, a frase sugere que se deve ter respeito pela identidade de gênero das pessoas, uma vez que o uso da fantasia de forma inadequada pode ser considerado uma forma de violência simbólica, que impõe normas e padrões sobre o que é ser homem ou mulher. Como afirma Judith Butler, "a noção de gênero não é algo que cada um de nós escolhe; é algo que é imposto a nós e que regulamenta e controla nossas vidas" (BUTLER, 1990, p. 15).

2 O silêncio e o(s) seu(s) sentido(s)

De acordo com Orlandi (2013), há múltiplos silêncios que podem ser identificados e analisados em diferentes esferas da vida humana. Esses silêncios vão além da mera ausência de palavras e representam diferentes formas de expressão e experiência humana. "Há múltiplos silêncios: o silêncio das emoções, o místico, o da contemplação, o da introspecção, o da revolta, o da resistência, o da disciplina, o do exercício do poder, o da revolta da vontade etc" (ORLANDI, 2013, p. 42). Um dos silêncios mencionados é o silêncio das emoções. Em certos momentos, as emoções podem se tornar tão intensas e complexas que é difícil colocá-las em palavras. Nesses casos, o silêncio pode ser uma forma de expressar essas emoções, permitindo que elas sejam sentidas e processadas internamente.

SD4:

Estava indo trabalhar e o local onde trabalhava era próximo ao circuito, então o ônibus que eu peguei estava lotado de gente indo pro carnaval, quando fui descer do ônibus, passando por eles um deles decidiu me molhar toda com aquele e ainda espremeu minha roupa pra conferir, eu não tive reação e sorrir, desci do ônibus e passei o dia todo molhada no trabalho

1 curtida Responder Ver tradução

Fonte: Instagram (Autoria do relato preservada).

No relato, uma mulher narra sua experiência ao ir trabalhar em um dia em que ocorria o desfile do bloco de Carnaval "As Muquiranas". Ela descreve como o ônibus em que estava, estava lotado de pessoas indo para o evento. Ao descer do ônibus, um dos participantes do bloco decide molhá-la com uma substância não especificada e, ainda por cima, aperta sua roupa para verificar o resultado. É importante considerar a questão de gênero, uma vez que a vítima é uma mulher e o agressor é um homem. Isso ressalta as desigualdades de poder existentes na sociedade e a necessidade de se refletir sobre as normas e valores que perpetuam o assédio e a violência contra as mulheres.

No caso do assédio contra as mulheres durante o Carnaval, podemos identificar uma memória discursiva que reforça a desigualdade de poder entre homens e mulheres e perpetua normas e valores que justificam ou minimizam a violência contra as mulheres. Essa memória discursiva está enraizada em imaginários de gênero, na objetificação das mulheres e na noção de que os corpos femininos estão disponíveis para serem invadidos e desrespeitados.

A memória discursiva funciona como uma espécie de retomada de discursos já utilizados em outros acontecimentos anteriores. A memória serve como uma forma de sustentação das forças ideológicas que apresentam como propósito a retomada dos pré-construídos (PÉCHEUX, 2010, p. 53).

A memória discursiva desempenha um papel importante na manutenção das forças ideológicas e na sustentação dos discursos dominantes. Ela permite a continuidade de

valores, representações e normas que são reproduzidos ao longo do tempo, contribuindo para a manutenção das estruturas de poder e das relações sociais existentes.

No contexto do assédio durante o Carnaval, a memória discursiva influencia na forma como as mulheres são tratadas e percebidas. Ela reafirma padrões de comportamento e de hierarquia de gênero, normalizando a violência e o desrespeito contra as mulheres. A retomada de discursos anteriores, que justificam ou minimizam o assédio, reforça a subordinação das mulheres e dificulta a transformação das relações de poder desiguais.

Primeiramente, é relevante observar a presença do silêncio no depoimento. A mulher relata que não teve reação diante do assédio sofrido, optando por sorrir em vez de confrontar a situação. Esse silêncio pode ser interpretado como uma forma de submissão ou falta de empoderamento diante do agressor, “(...) o silêncio não fala. O silêncio é. Ele significa. Ou melhor: no silêncio, o sentido é” (ORLANDI, 2007, p. 31). A autora enfatiza que o silêncio não é vazio, mas sim carregado de significado. Enquanto as palavras têm a função de expressar e transmitir informações, o silêncio possui seu próprio poder comunicativo. O fato de ela não ter reagido pode ser resultado de uma série de fatores, como o choque do momento, o medo de represálias ou a internalização de normas sociais que desencorajam as mulheres de se defenderem em situações de assédio. O silêncio da revolta pode ser entendido como uma forma de protesto ou resistência. É quando uma pessoa decide se calar diante de uma situação injusta ou opressiva como forma de expressar sua indignação ou descontentamento.

A mulher relata que, ao descer do ônibus, um dos participantes do bloco de Carnaval, identificado como um membro do grupo "As Muquiranas", decidiu molhá-la completamente com uma substância não especificada. Essa ação pode ser interpretada como uma forma de assédio, pois envolveu um contato físico indesejado e invasivo. No entanto, o elemento-chave a ser analisado aqui é a reação da mulher à situação. Ela menciona que não teve reação e sorriu. O silêncio é um conceito importante na análise de discurso, pois, muitas vezes, o que não é dito ou expresso explicitamente revela aspectos significativos da experiência e do poder.

A análise também deve considerar a questão de gênero. O fato de a vítima ser uma mulher e o agressor ser um homem é relevante para entender o poder desigual que está em

jogo. O ato de molhar e apertar a roupa da mulher pode ser interpretado como uma tentativa de desvalorização e humilhação, exercendo uma forma de poder e controle sobre seu corpo. O silêncio da vítima diante dessa situação pode refletir a falta de apoio ou de uma cultura que encoraje mulheres a denunciarem casos de assédio.

O fato de ela ter passado o dia todo molhada no trabalho evidencia as consequências do assédio em sua rotina e bem-estar, “[...] a humilhação, ou outro sentimento, é um discurso, portanto é uma prática em que se confrontam o simbólico com o político” (ORLANDI, 2012a, p. 219). Isso significa que esses sentimentos não são meramente emoções individuais, mas sim práticas discursivas que envolvem a interação entre o simbólico e o político. A humilhação vivenciada pela mulher não é apenas uma sensação subjetiva, mas uma expressão discursiva que reflete a imbricação do poder simbólico e das relações políticas. Portanto, o evento do assédio e as consequências emocionais experimentadas pela mulher são parte de uma dinâmica discursiva em que se confrontam elementos simbólicos e políticos, evidenciando a complexidade das relações de poder presentes nesse contexto.

No caso desse depoimento, o silêncio da mulher pode ser interpretado como uma estratégia de enfrentamento, uma tentativa de minimizar o impacto do incidente ou mesmo de evitar conflitos adicionais.

A mulher relata que, ao ser assediada durante o desfile do bloco de carnaval, ela não teve outra reação além de sorrir. Essa reação pode ser compreendida a partir de diversos fatores e dinâmicas sociais complexas. Uma possível interpretação é que o sorriso pode ter sido uma resposta automática e socialmente esperada, uma forma de tentar minimizar o desconforto da situação e evitar conflitos adicionais.

O medo de possíveis retaliações por parte dos homens do bloco também pode ter influenciado na reação da mulher. Em muitos casos de assédio, as vítimas podem sentir receio de denunciar ou confrontar seus agressores devido às ameaças implícitas ou explícitas que podem sofrer. O sentido que se revela no silêncio diz respeito a um contexto. Esse medo está relacionado ao poder desigual existente entre homens e mulheres na sociedade, onde o assediador muitas vezes se sente autorizado a agir de maneira abusiva, enquanto a vítima se vê em uma posição vulnerável.

Além disso, a mulher pode ter internalizado normas sociais que desencorajam as mulheres a denunciarem casos de assédio ou a se defenderem de forma mais assertiva. Infelizmente, existe uma cultura que muitas vezes culpabiliza as vítimas e minimiza a gravidade do assédio, o que pode fazer com que as mulheres se caleem e aceitem o comportamento abusivo como algo normalizado.

SD5:

Todas as mulheres que curtem carnaval em Salvador e tiveram o desprazer de está na avenida no momento que as nuquiranas passam tem uma história pra contar, eu tenho pavor a eles, não vou pra rua quando eles estão, foi a forma que achei de me preservar, são altamente desrespeitosos com mulheres

11 curtidas Responder Ver tradução

Fonte: Instagram (Autoria do relato preservada).

A decisão de se preservar e evitar estar presente em locais onde ocorrem assédios é compreensível e mostra a busca por proteção e segurança. No entanto, é importante ressaltar que essa responsabilidade não deveria recair sobre as vítimas, mas sim sobre a sociedade como um todo. As mulheres têm o direito de desfrutar do Carnaval e de qualquer evento festivo sem serem alvo de assédio.

A necessidade de as mulheres se protegerem do assédio durante o Carnaval é uma triste realidade e uma demonstração das desigualdades de gênero presentes em nossa sociedade. O relato de evitar sair às ruas quando os blocos como as Muquiranas estão presentes evidencia a existência de comportamentos altamente desrespeitosos direcionados às mulheres nesse contexto específico.

Essas mulheres vivenciam uma série de emoções diante dessa situação de violência, tais como medo, raiva, culpa, humilhação, insegurança, ansiedade, arrependimento, entre outras. “São sentidos produzidos por uma prática ideológica, ou melhor, por uma ideologia que é uma prática” (ORLANDI, 2012, p. 219). Ou seja, eles não são simplesmente emoções individuais, mas sim construções sociais influenciadas por uma ideologia específica. A ideologia, nesse contexto, pode ser entendida como um conjunto de crenças, valores e

normas que permeiam uma determinada sociedade e que moldam as percepções e experiências das pessoas.

No caso específico das Muquiranas, a SD sugere que esses grupos são responsáveis por práticas violentas e opressoras contra mulheres, que têm como objetivo subordiná-las e inferiorizá-las. A fala da mulher que evita o evento é uma forma de autopreservação, diante da ameaça de violência e opressão a que está sujeita. Isso indica que as práticas de violência patriarcal de gênero são uma forma de controle social sobre as mulheres, que buscam impedi-las de exercer sua liberdade e autonomia, segundo Butler,

A violência de gênero é sempre um ato de poder e de dominação, e sua força consiste em perpetuar e consolidar a sujeição feminina. Por meio de sua repetição, a violência estabelece um regime de terror e faz com que a subordinação feminina pareça natural e inevitável (BUTLER, 2006, p. 23).

Butler argumenta que a violência de gênero é um mecanismo utilizado para manter a subordinação feminina e perpetuar as relações de poder assimétricas entre homens e mulheres. Ela destaca que essa violência não é um fenômeno isolado, mas está profundamente enraizada em estruturas sociais que naturalizam a desigualdade de gênero e a subordinação feminina.

A SD apresentada sustenta um silêncio que é percebido pela ausência de denúncias por parte das mulheres que são vítimas de assédio durante o Carnaval em Salvador. Esse silêncio pode ser analisado a partir dos estudos de Orlandi (1996) sobre o silenciamento, que destaca como o que não é dito pode ser tão significativo quanto o que é dito. Nesse sentido, o silêncio não é visto como um mero vazio ou ausência de sentido, mas sim como uma forma de expressão e de resistência que pode revelar as tensões e contradições presentes nas práticas discursivas e nas relações de poder.

Nesse contexto, podemos inferir que o silêncio das mulheres que não denunciam o assédio sofrido durante o Carnaval é uma estratégia discursiva que tem como objetivo manter, de modo inconsciente, a naturalização do assédio e a hierarquia social existente entre homens e mulheres. Como afirma Orlandi (1996, p. 22), "o silêncio pode ser usado como uma forma de manter a ordem social e política, mantendo uma determinada ordem das coisas". Esse silêncio pode ser interpretado como uma forma de autodefesa e

autopreservação das mulheres diante da violência a que são expostas, o que evidencia a naturalização da violência de gênero na sociedade.

Conclusão

Este trabalho teve como propósito apresentar uma análise discursiva das sequências discursivas presentes nas postagens do Instagram voltadas ao bloco de Carnaval "As Muquiranas", é possível identificar e compreender as violências praticadas pelos participantes heterossexuais do bloco contra mulheres, homossexuais e travestis.

No contexto do Carnaval, as violências muitas vezes são naturalizadas e banalizadas pela sociedade. O assédio sexual, por exemplo, é visto como uma "brincadeira" ou uma "forma de paquera", quando na verdade é uma forma de violência e desrespeito. Essas violências são reflexo de desigualdades de poder entre homens e mulheres, assim como de concepções machistas que objetificam os corpos femininos.

A memória discursiva desempenha um papel importante na perpetuação dessas violências, pois reforça padrões de comportamento e hierarquia de gênero que normalizam a violência e o desrespeito contra as mulheres. A retomada de discursos anteriores, que justificam ou minimizam o assédio, reforça a subordinação das mulheres e dificulta a transformação das relações de poder desiguais.

Um aspecto relevante observado nas SDs é o silêncio das vítimas diante das violências sofridas. O silêncio pode ser interpretado como uma forma de submissão, falta de empoderamento ou mesmo como uma expressão de protesto ou resistência. É importante destacar que o silêncio também possui significado e comunica sua própria mensagem.

É fundamental analisar e problematizar as violências cometidas durante o Carnaval, dando voz às vítimas e promovendo a conscientização sobre a importância do respeito e da igualdade de gênero. A análise discursiva permite identificar os discursos que sustentam essas violências e contribui para o enfrentamento e transformação desse cenário. É essencial reconhecer que o assédio durante eventos festivos, como o Carnaval, é uma manifestação da desigualdade de gênero que exige uma abordagem crítica e ação para promover a igualdade e a segurança das mulheres.

Referências

BUTLER, J. *Gender trouble: Feminism and the subversion of identity*. New York: Routledge, 1990.

BUTLER, J. *Vida Precária - Os Poderes do Luto e da Violência*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2006.

GARCIA, D. A. SOUSA, L. M. A. “*No carnaval a fantasia é minha. O corpo é meu*”: memória e rupturas feministas na folia. In: RUA [online]. n 21. Volume 1, p. 87-107-ISSN 1413-2109. 2015. Consultada no Portal Labeurb – Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade. <http://www.labeurb.unicamp.br/rua/> Acessado em: 13 de abril de 2023.

ORLANDI, E. *Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos*. São Paulo: Pontes Editores, 2007.

ORLANDI, E. P. *Discurso e silenciamento: sobre o que não se fala*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

ORLANDI, E. P. *Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos*. São Paulo: Cortez Editora, 2012.

PÊCHEUX, M. (1975). *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1988.

PÊCHEUX, M. O papel da memória. In: ACHARD, P. et al. *O papel da memória*. Tradução de José Horta Nunes. 3 ed. Campinas: Pontes, 2010.

SAFFIOTI, H. *Gênero, patriarcado e violência*. 2 ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015.

ⁱ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

E-mail: luisa12gabrielli@gmail.com

Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/1183897909972151>

ORCID: <http://0009-0006-9056-5823>

ⁱⁱ Docente do curso de graduação e pós-graduação da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

E-mail: dantielligarcia@gmail.com

Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/4595437339696603>

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-8834-2253>